

TRAMA MAGNÉTICA DO SIENOGRANITO SGUÁRIO, DOMÍNIO APIAÍ (FAIXA RIBEIRA, SP): RESULTADOS INICIAIS.

Carlos Alejandro Salazar (1); Carlos José Archanjo (2); Sérgio Wilians de Oliveira Rodrigues (3).

(1) UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS; (2) UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS; (3) CPRM.

Resumo: O sienogranito Sguário é um de vários plútões relacionados a manifestações magmáticas tardias do Ciclo Brasiliano na Faixa Ribeira (SP). Tem contatos intrusivos com a Formação Água Clara e o batólito Três Córregos, e indeterminado na borda sul com o muscovita granito Correas. O sienogranito é composto por três unidades magmáticas principais: i) um granito fino porfiróide, cinzento a avermelhado, localizado no centro da intrusão, ii) um leucogranito vermelho a cinzento, de granulação media a grossa, contendo fenocristais de K-feldspato e, iii) um biotita granito rapakivítico grosso granular porfirítico. Zonas de cisalhamento limitam parcialmente o plúton a sul e se prolongam ao interior deste formando estruturas cataclásticas. Enclaves de rochas metassedimentares e da unidade magnética fina são comuns.

A suscetibilidade magnética (k) em 95% das amostras até agora coletadas é $> 0,35 \text{ mSI}$. Valores menores de k correspondem a manifestações locais de aplitos e rochas cataclásticas alteradas por hidrotermalismo. A anisotropia magnética (P) possui valores pouco variáveis e baixos ($1\% < P < 10\%$). A forma do elipsóide de anisotropia magnética (ASM) apresenta duas modas bem definidas: i) linear em 25% dos afloramentos situados nas bordas do plúton e, ii) planar em 75% nos demais sítios. A anisotropia e forma do elipsóide de ASM não mostram relação de dependência. No plúton, a trama magnética (foliação, lineação) exibe arranjo concêntrico. No centro a foliação magnética mergulha fortemente e a lineação magnética tem cimento subhorizontal, enquanto nas suas bordas a foliação e a lineação magnéticas mergulham fortemente.

Análises termomagnéticas revelam uma transição de Verwey ($\sim 165^\circ\text{C}$) pobramente definida, sugerindo a presença de "magnetita oxidada". Acima de 570°C a suscetibilidade magnética decresce regularmente, porém, não desaparece totalmente a 700°C . Este comportamento é atribuído à ocorrência de hematita e maghemita. A existência de hematita também é sugerida pela não saturação da remanência magnética acima de 0,5 Teslas a $\sim 25^\circ\text{C}$.

A forma, organização e distribuição espacial dos elipsóides que definem a trama magnética no Sguário relacionam-se com mecanismos de ascensão e pulsos de injeção magmática que interagiram com a rocha encaixante tanto no topo como nas bordas da intrusão. Nessas circunstâncias, formar-se-iam elipsóides oblato-sime, com caimentos suaves no centro e acentuados nos contatos laterais com a encaixante. Já os elipsóides com forma linear (mais restritos) com foliações e lineações magnéticas de alto mergulho, são atribuídos a corredores de fluxo magmático com transferência de material no estado parcialmente fundido. Acomodações plutônicas com características parecidas têm sido relacionadas com mecanismos de alojamento do tipo *ballooning* e *stoping* em uma crosta rasa, onde possíveis descontinuidades preexistentes seriam utilizadas para a subida do magma. Tais descontinuidades podem ter sido reativadas e estendidas para o interior do plúton ao final de (ou após) sua cristalização, favorecendo a injeção de aplitos e falhamento por cataclase. Estas estruturas seriam formadas nas fases finais da deformação transcorrente que afetou o domínio Apiaí no final do ciclo Brasiliano.

Palavras-chave: domínio apiaí; asm; granito sguário.

UM EVENTO EXTENSIONAL NA FAIXA BRASÍLIA, CENTRAL DO BRASIL.

Elton Luiz Dantas (1); Claudinei Gouveia Oliveira (2); Roberto Ventura Santos (3); Reinhardt A. Fuck (4).

(1) UNB; (2) UNB; (3) UNB; (4) UNB.

Resumo: Evidências de campo sugerem uma fase extensional relacionada ao desenvolvimento do sistema de dobramentos da Faixa Brasília. As feições estruturais relacionadas a este evento foram bem reconhecidas em mapeamentos sistemáticos na região do Arco Magmático de Mara Rosa, na porção norte da Faixa Brasília.

A principal direção dos elementos estruturais gerados durante o evento é NS, com o desenvolvimento de zonas de cisalhamento transcorrentes sinistrais, formadas tardeamente às fases de empurrão e nappes comumente descritas na Faixa Brasília.

Associam-se feições cinemáticas de baixo ângulo, com estruturas com cimento do tipo down dip, interpretadas como relacionadas a uma fase do colapso do orógeno na Faixa Brasília. O evento extensional aparenta ter expressão regional. A presença de domos do embasamento no Arco Magmático de Goiás ou junto dele, a exemplo dos domos de Hidrolina e de Santa Terezinha de Goiás, bem como a intrusão de diversos corpos graníticos de direção NS, podem estar relacionados com este evento.

Com base em idades obtidas em corpos graníticos de natureza alcalina, pouco a não deformados, cujo posicionamento aparenta ser sintectônico à extensão, propomos idade Cambriana para o evento. Numerosas idades K-Ar em torno de 540 Ma ou mais jovens obtidas na região, podem ser interpretadas como evidência de resfriamento e soerguimento de diferentes blocos crustais à época. O evento parece continuar até 500 Ma, com a geração de granitos, pegmatitos e veios.

O evento extensional pode ter sido acompanhado de aquecimento regional generalizado, como evidenciado pela remagnetização de rochas do Grupo Bambuí. Por fim, dados geocronológicos demonstram a existência de mineralizações auríferas associadas com eventos em torno de 500 Ma, conforme indicado por idades Ar-Ar. Acredita-se que o evento foi importante agente remobilizador e concentrador de ouro previamente existente.

Possíveis causas que expliquem o evento extensional ainda são especulativas. No entanto, diante de sua extensão uma fonte de calor profunda é requerida para explicar a associação de todos estes processos.

Palavras-chave: faixa brasília; extensional; cambriano.